

PEDAGOGIA DO ROÇADO COM BASE NO USO, APROPRIAÇÃO E SIGNIFICADO DO TERRITÓRIO QUILOMBOLA DO SÍTIO VEIGA -QUIXADÁ/ CEARÁ

FRANCISCA TAINARA EUGENIO DA SILVA¹; GEORGINA HELENA LIMA NUNES²

¹Universidade Federal de Pelotas – tainara.africahere@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – geohelena@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

As diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola definida pela Resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012, estabelece a Educação Escolar Quilombola como modalidade de ensino da Educação Básica que requer uma pedagogia própria que considere as especificidades de cada comunidade, no que diz respeito à memória coletiva, línguas remanescentes, marcos civilizatórios, práticas socioculturais, tecnologias e formas de produção do trabalho, acervo e literatura oral, territorialidade e todos os aspectos que compõem o patrimônio material e imaterial que a comunidade julgue importante (BRASIL, 2012).

A luta das comunidades quilombolas pela efetivação dessa política educacional é fundamentada nos princípios da igualdade, liberdade, diversidade e pluralidade que deve reger o ensino conforme trata o art. 205 e 206 da Constituição Federal/1988, de igual forma nos direitos culturais do art. 215 e 216 que busca assegurar a valorização, proteção e difusão do patrimônio cultural dos diferentes grupos étnicos brasileiros, envolvendo “ I - as formas de expressão; II – os modos de **criar, fazer e viver**; III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas; (BRASIL, 1988, grifo nosso).

Dentre outras normativas que fundamenta a reivindicação desse direito aos quilombolas está a Lei nº 10.639/2003, reformulada pela Lei nº 11.645/2008, que institui a obrigatoriedade da história e cultura africana, afro-brasileira e Indígena no currículo das redes de ensino, de modo a estudar suas contribuições sociais, culturais, econômica e políticas na formação da sociedade brasileira (BRASIL, 2008).

Mesmo com as referidas leis, nota-se que a política da Educação Escolar Quilombola (EEQ) tem encontrado diferentes desafios para sua consolidação. Como evidencia a quilombola Givânia Maria da Silva (2012), em seu trabalho sobre a educação diferenciada que ocorre com base nas especificidades da Comunidade Conceição das Crioulas – PE, a autora problematiza e aponta questões que carecem de atenção na implementação da política em nível nacional.

Um dos pontos é o currículo que atende a um grupo específico e não reconhece a diferença (comunidades quilombolas e outros sujeitos silenciados); a ausências de informações e conhecimentos sobre a população quilombola num contexto geral, como das próprias instituições responsáveis por formar, algo que para a autora inviabiliza a construção e implementação de qualquer política pública que vise atender determinado público; além de chamar atenção para as tensões e conflitos territoriais causados pela invasão de grande projetos com discursos desenvolvimentista nos territórios quilombolas degradando seus modos de viver.

É, em parte, esses desafios que se apresentam para consolidação da política. Por isso, a luta e defesa do território caminha com a luta pelo direito a uma educação

diferenciada que possibilite a manutenção e preservação das formas de criar, fazer e viver. A esse respeito a autora diz:

É importante frisar que a comunidade de Conceição das Crioulas tem buscado discutir o acesso à educação relacionada com as condições de trabalho, com a vida, com o cotidiano das pessoas, com o acesso à terra e com a defesa do território, formando um tecido entre identidade quilombola, territorialidade e educação, numa perspectiva coletiva e emancipatória, na qual as pessoas exercitam o papel de cidadão (SILVA, 2012, p. 66).

Na mesma vertente, o quilombola Luiz Marcos de França Dias (2020), sustenta que a luta por educação está relacionada a um projeto político epistêmico quilombola que abrange modos de criar, fazer e viver contracoloniais¹ em territórios coletivos, colocados em disputa e ameaçados pela ideologia desenvolvimentista de grandes empresas.

Conforme SANTOS (2018), as comunidades quilombolas são emaranhadas de pedagogias de quilombo que não são trabalhadas no currículo escolar devido a negação dos conhecimentos fundamentado nas experiências do criar, fazer e viver desses sujeitos. Nessa direção, nosso olhar direciona-se para a Comunidade Quilombola do Sítio Veiga, situado no município de Quixadá, Estado do Ceará para compreender se a forma como se organiza o cotidiano do roçado na comunidade, pode se constituir um princípio pedagógico para a Educação Escolar Quilombola.

Com base nesse objetivo geral, formularam-se os específicos: 1. Identificar as práticas socioculturais do roçado como saberes emergentes desta atividade; 2. Analisar quais conhecimentos emergem na organização do trabalho no roçado como princípio pedagógico da educação quilombola na Comunidade do Sítio Veiga; 3. Observar de que forma o cotidiano do roçado e da comunidade produzem elementos que se relacionam a diferentes aspectos do modo de vida quilombola da Comunidade Sítio Veiga; 4. Compreender as relações existentes entre as práticas sociais educativas e os processos de formação identitária nos quilombolas do Sítio Veiga.

2. METODOLOGIA

Em termo metodológico para realização desta pesquisa, optou-se pela abordagem qualitativa, a partir de um Estudo de Caso na Comunidade Quilombola do Sítio Veiga, localizada no município de Quixadá, na região Central do Estado do Ceará, cujo caminho metodológico buscou referências nos estudos etnográficos.

De acordo com YIN (2015, p.17), ao apresentar características de um Estudo de Caso como método de pesquisa:

O estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo (o caso) em profundidade e em seu contexto de mundo real, especificamente quando os limites entre fenômeno e o contexto puderem não ser claramente evidentes.

Por se tratar de um grupo étnico com especificidades identitárias constituídas de inúmeras práticas sociais, simbólicas e culturais, optamos pelo estudo de caso de cunho etnográfico, sendo o caso sobre o roçado, com unidades múltiplas de análise: os sujeitos que lá estão e seus contextos, pela relação do espaço com a vida cotidiano

¹ Ler Antônio Bispo dos Santos em Colonização, quilombos: modos e significados, onde conceitua como contra colonização todos os processos de resistência e de luta em defesa dos territórios, dos símbolos, significados e dos modos de vida nesses territórios. As teorias dos autores convergem já que o projeto político epistêmico de DIAS (2020), se contrapõe a concepção de desenvolvimento e dominação colonial e capitalista.

dos sujeitos investigados; em suma, objetivando a compreensão da organicidade do roçado frente aos diversos aspectos do modo de vida quilombola do Sítio Veiga.

No trabalho de campo será realizado para coleta de dados a observação participante e entrevistas semiestruturadas, diário de campo para registrar as informações durante a inserção, assim como utilização de gravações e fotografia para complementar a análise de dados. Com vista a isso, inicialmente nossos sujeitos de pesquisa serão os praticantes e atuantes nos roçados, quintais e dentre outras práticas que tenham relação com a vida e produção do trabalho.

É válido dizer que essa pesquisa está em andamento e que já foi realizada uma pesquisa exploratória mediada por observações participantes no desenvolvimento do trabalho nos roçados, de quintais e em rodas de conversa com o grupo de Mulheres da Dança de São Gonçalo no período de janeiro e fevereiro de 2024.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Autores como FREIRE (1996) e BRANDÃO (2007), apontam uma concepção de educação mais ampla que não se restringe ao espaço formal das instituições escolares, mas abrange processos educativos na vida familiar, na vivência comunitária, no trabalho, na cultura, nos movimentos sociais, dentre outros espaços. Assim, a educação ultrapassa os muros da escola, e na prática, se constrói no cotidiano das relações em diferentes setores sociais.

Conforme indica BRANDÃO (2007, p. 32), em seu escrito “o que é educação?” não há uma única forma de educação, de fazer-saber, o roçado pode ser um lugar onde os processos educativos se constroem pelo “viver o fazer faz o saber”, tal construção do educar se dá na vida e no trabalho.

Seguindo esta mesma vertente, FREIRE (1987, p. 79) diz “Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo [...]”. A partir desses apontamentos, é possível dizer que educar se faz com base em quem somos, vivemos, desejamos, lutamos e construímos. Como aduz SILVA (2012), sobre os processos educativos quilombolas devem ser pensados desde a constituição do território, pois as “aprendizagens se materializaram por meio de um tecido social e de uma história de luta e saber popular, resistência e cultura” (SILVA, 2012, p. 62).

Notei no espaço do roçado contações de histórias, brincadeiras, memórias de um passado e muitas prosas sobre todos os aspectos da vida. Um espaço de camaradagem, elo e fortalecimento e expressão do vínculo com a terra e os colegas. Uma fala que denota isso foi “Não existe lugar melhor do que o Veiga”. Me pareceu aqui que a relação com a terra/território contribui para um bem-estar dos quilombolas. Por outro lado, nota-se as interfaces das desigualdades sociais: necessidade da titulação da terra, ausência de recursos financeiros para as necessidades básicas, analfabetismo dentre outros problemas.

Muitas reflexões emergem sobre a capacidade do roçado em se relacionar com outras formas de produções e dimensões do território: a manifestação religiosa da Dança de São Gonçalo com pagamento de promessa para um bom inverno, colheita ou restauração da saúde, a relação com os quintais e cozinha emergindo saberes para a alimentar e cuidar do corpo, no uso dos produtos do roçado para produção de outros elementos. Outra questão, partindo disso, como esse modo de lidar com a produção agrícola e os problemas sociais enfrentados pela comunidade se relacionam em diferentes instâncias: a agricultura foi e é o único modo de subsistência a um sistema que, a princípio, subjuga corpos negros e quilombola, todavia, qual a potência

deste cotidiano do roçado não apenas para subsistir à mazela do capitalismo mas, também, para ser propositivos de outras compreensões de vida, espaço, tempo menos destrutivas das pessoas e da natureza.

4. CONCLUSÕES

Espera-se que esse trabalho possa contribuir com o fortalecimento da identidade quilombola, ampliar ainda mais a concepção de educação escolar quilombola, ao evidenciar o roçado como espaço rico em saberes presentes no Quilombo Sítio Veiga – Quixadá. Que tal pesquisa possibilite diálogos quilombolas, atrelamento com o currículo local, partidos dos processos e do contexto do Quilombo Veiga. Também recupera outras possibilidades de compreender aquilo que é restritamente visto como ambivalência: manual-intelectual, artesanal-tecnológico, tradição-inovação, enfim, será que o roçado permite uma leitura tão segmentada e linear das lutas desse segmento negro denominado quilombola? Como os processos de escolarização podem contemplar as entrelinhas da vida cotidiana e potencializar, pedagogicamente, a capacidade Freiriana (1996) de ser mais? Vamos ao roçado!

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRASIL. Resolução n. 8, de 20 de novembro de 2012. Define diretrizes curriculares nacionais para educação escolar quilombola na educação básica. Brasília, DF: Conselho Nacional de Educação, 2012.

BRASIL. Constituição Federal da República do Brasil de 1988. Brasília, 1988.

BRASIL. Lei nº 11.645. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1987.

SANTOS, A. P. **Educação escolar quilombola no Cariri Cearense: africanização da escola a partir de Pedagogias de Quilombo**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação)– Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

SILVA, G. M. **Educação como processo de luta política: a experiência de “educação diferenciada” do território quilombola de Conceição das Crioulas**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: Planejamento e métodos**. 5º Ed. Porto Alegre. Bookman editora, 2015.